

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 20– julho, 2015

LIMITES

Ierecê Barbosa¹

Quem tem filho adolescente sabe bem o quanto é difícil impor limites em uma fase em que a autonomia do ser está se consolidando. Eta! Eu falei “impor”? É, talvez o grande problema esteja justamente aí. Limites não devem ser impostos, mas negociados com firmeza.

A adolescência é uma das etapas mais trabalhosas do desenvolvimento humano, pois não é fácil deixar de ser criança, principalmente quando os pais não deixam seus filhos crescerem por insegurança e receio da síndrome do ninho vazio.

Negociar limites com os adolescentes não pode e não deve ser uma questão pontual, isolada, mas processual. Desde criança as regras devem ser bem claras. Nosso psiquismo é guiado desde cedo por regras que nos limitam: não coloque moeda na boca; não suba aí; não se pendure na janela; não mexa nos produtos de limpeza; não enfie o dedo na tomada, não interrompa enquanto eu estiver falando; não bata no seu irmão; não fale de boca cheia; agradeça; peça desculpas; etc.

O sim e o não fazem parte da nossa educação doméstica. Pais que **só dizem sim** prejudicam seus filhos. Mas aqueles que **só dizem não** prejudicam também, pois a permissividade e o autoritarismo complicam a formação do ser. O primeiro porque a criança não aprende que o direito dela termina quando inicia o do outro (colegas, irmãos, pais, empregados e demais parentes) e costume de casa vai à praça. O segundo anula totalmente a trajetória da criança rumo a sua autonomia de ser.

É fundamental entender que quando se trata de limites tanto o “demais” quanto o “de menos” podem ser prejudiciais. A negociação dos limites deve ser equilibrada, para que a criança se transforme num adulto sadio do ponto de vista moral, sabendo discernir o certo do errado e se colocando sempre no lugar do outro. Lembro-me das palavras de minha mãe: “você gostaria que alguém fizesse o mesmo com você?”

Os pais são os principais responsáveis pela saúde mental de seus filhos. Quando a saúde mental manifesta-se prejudicada, sem causas biológicas justificáveis, fica evidente que os cuidados parentais foram inadequados ou insuficientes. Um fator preponderante na negociação de limites é a comunicação. Não se deve falar gritando, o grito é um sinal de que os pais estão desestruturados emocionalmente. O falar deve ser calmo, mais firme, sempre explicando o porquê da negativa. A afetividade deve ser sentida na negociação, sempre evidenciando os prós e os contras e demonstrando sempre o cuidado.

Tenho me deparado com muitas queixas de pais em relação aos seus filhos. Quando tenho a oportunidade de observar, mais de perto, percebo que os cuidados dispensados são excessivos, ao ponto dos filhos se queixarem da invasão de privacidade e da intrusão. Geralmente são pais controladores, querem tudo do seu jeito, criticam demais os filhos, que para eles continuam

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 20– julho, 2015

crianças e não são capazes de caminhar com as próprias pernas. Se a infantilização dos adolescentes é triste, pior ainda é lidar com adulto infantilizado.

O desenvolvimento humano não é estanque, as etapas são divididas apenas como recurso didático, pois qualquer mudança em nossa estrutura bio-psico-social afeta o todo. Portanto, os conflitos são evitáveis, mas eles estão atrelados à busca da autonomia e não da independência. É comum ouvirmos os pais dizerem: “quando você se sustentar, então você apita alguma coisa”, ou “quem prova do meu pirão prova do meu cinturão”. O discurso, além de autoritário, é equivocado. Não se trata do filho ser independente, mas de sua passagem por um processo que iniciou com a anomia (ausência total de regras), passou pela heteronomia (quando a criança aceita e segue as regras dos adultos) e agora busca a autonomia (questiona as regras impostas e tentar traçar as próprias), bem Piaget mesmo. Pais que criam bem são aqueles que educam para a autonomia, para a não dependência. Isso é muito duro de aceitar, mas criamos para o mundo e não para nós.

Confusos, muitos pais misturam moral e ética, embora elas andem de mãos dadas, são conceitos diferentes. Não vou entrar aqui na questão conceitual, fundamental para as provas acadêmicas, mas reforçar que na vida precisamos viver as duas, pois uma questão ética envolve sempre problemas de ordem moral. O que mais vemos, ultimamente, são maus exemplos da falta de ética na política, massificados pela mídia, mas nossa tolerância tenta “justificar” ou “passar as mãos por cima”. O aético e o tolerante caminham lado a lado, e muitas vezes o tolerante não se percebe como o facilitador das transgressões éticas.

Dentro de casa, a coisa complica pela questão afetiva, pais que são por demais tolerantes as transgressões éticas e morais de seus filhos terminam por criarem pequenos tiranos que vão aos poucos tomando conta do espaço e da situação. Conheci uma criança que aos 10 anos expulsou a empregada doméstica de casa pelo fato desta ter custado a atendê-la, por estar no banheiro. A mãe ficou indignada, mas o pai deu total apoio a menina. Observe, leitor, que os próprios pais estavam em desarmonia não só na questão dos conceitos éticos e morais, mas também no que caberia ou não a criança fazer em casa, condição básica para consolidar limites e regras do bem viver para aquela criança.

Atualmente, culpar a escola pelas transgressões dos filhos virou moda, mas é uma transferência equivocada. Bom lembrar que a escola tem a função de escolarizar, cabendo à família educar. Impor limites pode até ser complicado para os pais, mas é um aprendizado extremamente necessário para educar para o exercício da cidadania.